





A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packard
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITÊ DE SUPERVISÃO

M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Hugh W. Pinnock
EDITOR
M. Russell Ballard

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DA «A LIAHONA»

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
Verdade Absoluta, Presidente Spencer W. Kimball
- 11 **Eu Desejava uma Sarça Ardente**, Robert E. McGhee
- 16 **O Dom do Espírito Santo**, Mark E. Petersen
- 18 **Perguntas e Respostas**, Bispo Victor L. Brown
- 29 **Como Você Pode Arranjar-se, Quando Tudo dá Errado?**, Robert E. Wells
- 32 **Travessia do Atlântico no Navio Olympus**, William Hartley
- 36 **O Êxodo, 1844-47**, Glen M. Leonard

HISTÓRIAS INFANTIS

- 21 **Uma Camisa Para Auboo**, Seletha Brown

SÓ PARA DIVERTIR

- 24 **"Comos" e "Por Quês"**, Kay L. Harvey
- 26 **Amizade de Honra**, Dorothy Leon

NOTÍCIAS LOCAIS

- I **Novo Edifício dos Escritórios da Igreja no Brasil**
- III **Tradutores Reúnem-se em Seminário**
- IV **O Livro de Mórmon**
- VI **Sião Cresce**
- XI **Novas Publicações**

Na capa: "Pioneiros de Carrinho de Mão", por Carl Christian Anton Christensen (1831-1912), quadro a óleo, 1900. Talvez a pintura mais conhecida de CCA Christensen, esta cena reflete as experiências de primeira mão do artista. Ele e sua jovem esposa puxaram um carrinho de mão desde Iowa até a Cidade de Lago Salgado em 1857, quando ele era subcapitão da sétima companhia de carrinhos de mão. A pintura inclui uma riqueza de detalhes relativa à viagem pioneira, inclusive a técnica de fazer fogueiras com excremento de búfalo.

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubí, 331, tel. 276 8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, R. São Tomé, 73, Vila Olímpia, SP.

Mensagem da Primeira Presidência

VERDADE ABSOLUTA



Spencer W. Kimball

Escrevi, há algum tempo, uma carta a um descrente. Muito do que foi dito naquela carta me tem vindo ao pensamento com freqüência, ultimamente, e desejo partilhar, com vocês, da essência daqueles pensamentos. Com essa explicação, vocês entenderão melhor o ponto de vista defendido e o estilo em que foi apresentado. Escrevendo a esse rapaz, que batalhava com seus pensamentos, eu disse:

Prezado John: Sua resistência e argumentos contra as verdades do evangelho têm-me preocupado sobremaneira.

Compreendo que não conseguiria convencê-lo contra sua vontade, mas sei que posso ajudá-lo, se você simplesmente me ouvir e deixar que chame sua atenção para algumas importantes verdades, e se ouvir com uma oração e desejo de saber a verdade. Não forçaria, mesmo que pudesse, sua maneira de pensar, pois o livre arbítrio é a lei básica de Deus, e cada um

deve assumir a responsabilidade de suas próprias reações; mas, certamente, cada um de nós precisa fazer sua parte no que se refere a influenciar para o bem aqueles que precisem de alguma ajuda.

O Senhor disse a Enoque: "Eis teus irmãos; eles são a obra de minhas próprias mãos, e eu lhes dei sabedoria no dia em que os criei; e no Jardim do Éden dei ao homem o livre arbítrio." (Moisés 7:32.)

Refleti durante longas horas, e ofereci de joelhos muitas fervorosas orações, esperançoso de que pudesse dizer as coisas certas, e de que você as recebesse no espírito humilde em que são dadas.

Este verdadeiro modo de vida não é simplesmente uma opinião. Existem verdades absolutas e verdades relativas. As regras que dizem respeito às coisas que a pessoa deve comer já mudaram muitas vezes durante minha vida. Quantas des-



cobertas científicas se transformaram de ano para ano! Os cientistas ensinaram, durante décadas, que o mundo fora uma vez, uma nebulosa, massa fundida que se desprende do sol, e, mais tarde, muitos deles disseram que foi um remoinho de poeira que se solidificou. Existem muitas idéias já explicadas ao mundo e que foram mudadas para satisfazer às necessidades da verdade, à medida que esta foi sendo descoberta. Existem verdades relativas, e também verdades absolutas que são as mesmas ontem, hoje e para sempre — nunca se modificam. Essas verdades absolutas não são alteradas pelas opiniões dos homens. À medida que a ciência tem expandido nossa compreensão do mundo físico, certas idéias aceitas têm sido abandonadas com o surgimento de novas verdades. Algumas dessas verdades aparentes foram fortemente mantidas durante séculos. A pesquisa sincera da ciência repousa, freqüentemente, só no limiar da verdade, ao passo que os fatos revelados nos dão certas verdades absolutas como um ponto de partida para que venhamos a entender a natureza do homem e o propósito da vida.

A terra é esférica. Se os quatro bilhões de pessoas que existem no mundo pensarem que é chata, estarão errados. Isto é uma verdade absoluta, e todos os argumentos do mundo não a poderão mudar. Pesos não se suspenderão no ar por si mesmos, mas, quando soltos, cairão em direção à terra. A lei da gravidade é uma verdade absoluta. Nunca varia. Leis maiores poderão suplantar as menores, mas isto não muda sua verdade inegável.

Aprendemos a respeito dessas verdades absolutas ao sermos ensinados pelo Espírito. Essas verdades são “independentes” em sua esfera espiritual, devendo ser descobertas espiritualmente, embora possam ser confirmadas pela experiência e pelo intelecto. (Vide D&C 93:30.) O grande profeta Jacó disse que “o Espíri-

Todos os argumentos no mundo não mudarão a verdade absoluta de que o mundo é esférico — ou de que Deus, nosso Pai Celestial, vive.

to fala a verdade... Portanto, fala das coisas como realmente são e como realmente serão.” (Jacó 4:13.) Precisamos ser ensinados, a fim de compreendermos a vida e o que realmente somos.

Deus, nosso Pai Celestial — Eloim — vive. Isto é uma verdade absoluta. Todos os quatro bilhões dos filhos dos homens podem ser ignorantes quanto a ele e seus atributos e poderes, mas, ainda assim, ele vive. Todo o povo da terra poderia negá-lo e descrever, mas Deus vive a despeito disso. Podem ter suas próprias opiniões, mas ainda assim ele vive, e sua forma, poderes e atributos não mudam de

O homem não pode descobrir a Deus ou seus caminhos simplesmente através de processos mentais. Ele precisará ser governado pelas leis que controlam o campo no qual ele está pesquisando.

acordo com as opiniões dos homens. Resumindo, a opinião por si só não tem poder algum no que se refere a uma verdade absoluta. Ele ainda vive, e Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Todo-Poderoso, o Criador, o Mestre do único modo verdadeiro de vida — o evangelho de Jesus Cristo. O intelectual pode racionalizá-lo como inexistente, e o descrente pode escarnecer, mas ainda assim Cristo vive e dirige os destinos de seu povo. Isto é uma verdade absoluta; não há como negá-la.

O fabricante de relógios, na Suíça, tendo materiais à mão, fez um relógio que foi encontrado na areia do deserto da Califórnia. As pessoas que o encontraram nunca haviam estado na Suíça, nem visto o fabricante de relógios, nem mesmo observado a sua fabricação. Ainda assim, o fabricante de relógios existia, não obstante a ignorância ou experiência das pessoas. Se o relógio pudesse falar, poderia até mesmo mentir e dizer: “Não exis-

te fabricante de relógios." Isto não alteraria a verdade.

Se os homens forem realmente humildes, compreenderão que podem descobrir, mas não criar a verdade.

Os Deuses organizaram a terra com os materiais que se encontravam à mão, sobre os quais tinham controle e poder. Esta verdade é absoluta. Um milhão de pessoas cultas poderiam especular e determinar em sua mente que a terra veio a existir por acaso. A verdade permanece. A terra foi feita pelos Deuses e o relógio pelo fabricante de relógios. As opiniões não mudam isto.

Os Deuses organizaram e deram vida ao homem, colocando-o sobre a terra. Isto é absoluto. Não pode ser refutado. Um milhão de cérebros brilhantes poderiam conjecturar de modo diferente, mas ainda assim é verdade. E, havendo feito tudo isto para os filhos de seu Pai, Cristo delineou um plano de vida para o homem — um programa positivo e absoluto através do qual ele pode alcançar, realizar, sobrepujar e aperfeiçoar a si mesmo. Mais uma vez, essas verdades vitais não são simplesmente opiniões. Se fossem, então sua opinião seria tão boa quanto a minha, ou melhor. Mas, digo-lhe isto, não como minha opinião — dou-a a você como verdades divinas que são absolutas.

Alguns dias você verá, sentirá e compreenderá, e talvez até censure a si mesmo pela longa demora e perda de tempo. Não é uma questão de *se*; é uma questão de *quando*.

A experiência em um campo não cria, automaticamente, especialização em outro. A proficiência em religião advém da virtude pessoal e da revelação. O Senhor disse ao Profeta Joseph Smith: "Naquela esfera em que Deus a colocou, toda a verdade é independente". (D&C 93:30.) Um geólogo que tenha descoberto muitas verdades a respeito da estrutura da terra pode estar desatento às verdades que Deus nos deu a respeito da natureza eterna da família.

Se eu puder, pelo menos, tornar isto claro, teremos uma base sobre a qual edi-

ficar. O homem não pode descobrir a Deus ou seus caminhos através de meros processos mentais. Ele precisará ser governado pelas leis que controlam o campo em que está investigando. Para tornar-se um encanador, é preciso aprender as leis que seguem tal ofício. É necessário conhecer as tensões e pressões; as temperaturas sob as quais os encanamentos se enregelarão; as leis que governam o vapor, a água quente, a expansão, contração, e assim por diante. Uma pessoa pode saber muito a respeito de encanamento, e no entanto, ser um fracasso completo no que se refere a educar os filhos ou relacionar-se com as pessoas. Um homem pode ser o melhor dos contadores, e no entanto não conhecer coisa alguma de eletricidade. Alguém pode saber muito a respeito da venda de gêneros alimentícios, e no entanto ser um ignorante completo no que concerne à construção de pontes.

É possível ser uma grande autoridade em bombas de hidrogênio, e no entanto nada saber sobre bancos. Um indivíduo pode ser um notável teólogo e, no entanto, estar completamente despreparado no que se refere à fabricação de relógios. Pode-se ser o autor da lei da relatividade e, no entanto, nada saber sobre o Criador que originou todas as leis. Repito, isso é apenas uma questão de opiniões. Existem verdades absolutas. Essas verdades estão à disposição de todas as almas.

Qualquer homem inteligente pode aprender o que desejar. Pode adquirir conhecimento em qualquer campo, embora isso exija muita reflexão e esforço. É preciso mais de uma década para se obter um diploma de curso secundário; são necessários mais cinco anos para que a maioria das pessoas obtenham uma formação superior; é necessário perto de um quarto de século para que alguém se torne um grande médico. Por que, então, as pessoas pensam que podem esquadriñar as mais complexas profundezas espirituais sem o necessário trabalho experimental e de laboratório, acompanhado pela obediência às leis que as governam? É absurdo, mas com frequência vo-

cê encontrará personalidades populares, que parecem nunca terem vivido uma única lei de Deus, dissertando em entrevistas sobre religião. Que ridículo é tais pessoas tentarem traçar, para o mundo, um modo de vida.

E no entanto, quantos financistas, políticos, professores universitários ou proprietários de clubes de jogo acham que, por se terem elevado acima de todos os seus semelhantes em seu campo particular de atividade, sabem tudo sobre todos os assuntos. Não podemos conhecer a Deus nem compreender seus planos ou obras, a menos que sigamos suas leis. O reino espiritual, que é tão absoluto quanto o físico, não pode ser compreendido pelas leis do físico. Você não aprende a fazer geradores elétricos em um seminário. Nem aprende certas verdades a respeito de coisas espirituais em um laboratório de física. Você precisa ir ao laboratório espiritual, usar os meios que ali estão disponíveis e consentir em suas regras. Então poderá saber a respeito dessas verdades com tanta certeza, ou com mais ainda, do que o cientista sabe quanto aos metais, ácidos ou outros elementos. Pouco importa se a pessoa é um encanador, ou um banqueiro, ou um fazendeiro, pois essas ocupações são coisas secundárias; o mais importante é o que ele sabe e crê a respeito de seu passado e seu futuro, e o que fez quanto a eles.

Quando éramos seres espirituais, completamente organizados e capazes de pensar, estudar e compreender com nosso Pai Celestial, ele nos disse o seguinte: "Bem, meus queridos filhos, em vosso estado espiritual haveis progredido quase tanto quanto podeis. A fim de continuar vosso desenvolvimento, precisais de corpos físicos. Pretendo providenciar um plano através do qual podereis continuar vosso crescimento. Como sabeis, só se pode crescer vencendo.

"Agora," disse o Senhor, "tomaremos dos elementos que se encontram à mão e os organizaremos em uma terra, colocaremos ali vegetação e vida animal, e permitiremos que vós a ela descais. Esse será o vosso local de provação. Dar-vos-

-emos uma terra rica, prodigamente guardada para vosso benefício e gozo, e veremos se vos provareis fiéis e realizareis as coisas que vos forem ordenadas. Farei convosco um convênio. Se concordardes em exercer controle sobre vossos desejos e continuar a crescer objetivando a perfeição e a deidade através do plano que fornecerei, dar-vos-ei um corpo físico de carne e ossos, e uma terra rica e produtiva com sol, água, florestas, metais, solos e todas as outras coisas necessárias para vos alimentar, vestir e abrigar e vos darei toda a alegria que for apropriada para vosso bem. Além disso, torná-vos-ei possível retornar a mim, à medida que aperfeiçoardes vossa vida, sobrepujando obstáculos e aproximando-vos da perfeição."

A esta oferta, das mais generosas, nós, como filhos e filhas de nosso Pai Celestial, respondemos com gratidão. Fizemos nossa parte e viemos para a terra, à medida que eram preparados corpos por nossos pais terrenos. Estamos agora sendo experimentados — no campo de provas. Isto, também, é uma verdade absoluta. Não pode ser contestada. É um fato incontestável. Se alguém puder aceitar essas verdades inatacáveis estará pronto para começar suas experiências e seu trabalho de laboratório.

Mais alguns fatos importantes, que não tentarei desenvolver agora: Adão e Eva transgrediram uma lei e foram responsáveis por uma mudança que se operou em toda sua posteridade. Poderia ter sido o alimento diferente que causou a mudança? De alguma forma o sangue, elemento que nos dá a vida, substituiu a substância mais fina que anteriormente alimentava seus corpos. Eles e nós nos tornamos mortais, sujeitos a doenças, dores e mesmo à dissolução física chamada morte. Mas o espírito, que é supremo no homem dual, transcende o corpo. Não se decompõe, mas segue para o mundo espiritual, a fim de ter outras experiências, com a certeza de que, depois de preparação suficiente, se dará uma reunião quando o espírito será abrigado eternamente em um corpo remodelado de carne e

ossos. Dessa vez, a união nunca será desfeita, visto que não haverá sangue para desintegrar e causar problemas. Uma substância mais fina dará vida ao corpo e torná-lo-á imortal.

Esta ressurreição a que nos referimos é a obra de Jesus Cristo, o Salvador, que, por ser tanto mortal (o filho de Maria) como divino (o Filho de Deus), pôde sobrepujar os poderes que governam a carne. Ele realmente deu sua vida e literalmente a tomou de novo, e assim acontecerá com toda a alma que já existiu. Sendo um deus, ele deu sua vida. Ninguém

Esta Igreja de Jesus Cristo... é a "única igreja viva e verdadeira" que é plenamente reconhecida por Deus... A maioria do mundo nega isto, os ministros tentam desacreditá-la, os intelectuais pretendem explicar seu aparecimento e refutá-la; mas quando todas as pessoas do mundo estiverem mortas, e os ministros e sacerdotes forem apenas cinzas... a verdade prosseguirá — a Igreja continuará triunfante e o evangelho ainda será verdadeiro.

lha podia tirar. Ele havia desenvolvido, através de sua perfeição ao sobrepujar todas as coisas, o poder de reaver sua vida. A morte era o último inimigo, e até isso ele sobrepujou, estabelecendo a ressurreição. Esta é uma verdade absoluta. Nenhum teórico do mundo pode refutá-la. É um fato.

Antes de sua crucificação, o Salvador reconheceu a necessidade absoluta de uma organização de pessoas devidamente autorizadas para levar adiante sua obra, ensinar seu plano ao mundo e persuadir as pessoas a seguirem seu programa eterno. Portanto, organizou sua Igreja entre

seus seguidores fiéis, com apóstolos, profetas e outros oficiais, para dar orientação a seu povo. Enviou esses oficiais a todo o mundo, a fim de ensinar sua verdade — mas para ensiná-los sem o uso de força, pois a lei básica deste mundo é o livre arbítrio. Certamente os homens e mulheres podem usar de seu livre arbítrio para fazer o que quiserem, mas nunca fugirão das penalidades resultantes de qualquer erro que cometam.

O Senhor estabeleceu por completo seu programa de organização, forneceu os princípios e doutrinas governantes e delegou plena autoridade a seus oficiais, a fim de ensinarem e realizarem ordenanças. Ele ignorou todas as organizações religiosas que existiam na época e todas as suas doutrinas e filosofias humanas, provendo seu próprio plano divino. Isto é verdade. Se todos os patrocinadores das várias doutrinas, teorias e cultos de todos os continentes descreverem disso, permanece ainda verdade — uma verdade absoluta.

Mesmo antes de ir para o Calvário, o Senhor sabia que sua organização jovem e lamentavelmente pequena não poderia resistir aos lobos de filosofias antagônicas e às perseguições terríveis que viriam, mas deixou alguns intrépidos apóstolos e outros para guiar e edificar o reino. O Salvador soube, sem dúvida, que ia ocorrer uma apostasia. E realmente ocorreu.

A perseguição foi intolerável. Dizem que os apóstolos sofreram o martírio. Outros inumeráveis, tanto portadores do sacerdócio como leigos, passaram por torturas incríveis. A Igreja foi desarraigada e quase destruída por horrores físicos; e finalmente por governantes pagãos que não foram realmente convertidos, o Cristianismo foi aceito e tornado popular. Para conseguir isso e fazer com que as nações o aceitassem, superstições e doutrinas pagãs foram adicionadas às doutrinas cristãs e se entremesclaram, até que as doutrinas e ordenanças estabelecidas pela Igreja estivessem mudadas e diluídas a ponto de possuírem apenas uma leve semelhança com a verdade. Com o

martírio dos servos autorizados e o desaparecimento tanto da autoridade como da doutrina, o mundo mergulhou na Idade Média, e o verdadeiro entendimento de Deus e de seu plano foi arrasado sobre a terra; a escuridão cobriu os povos e houve pouco progresso nas coisas materiais e um violento decréscimo de espiritualidade.

Agora, com as doutrinas pervertidas, o sacerdócio desaparecido, a organização corrompida e o conhecimento perdido, deveria haver outro despertar. E, como profetizara Daniel há milênios, veio finalmente um dia em que outra restauração da verdade aconteceu, e desta vez, para nunca ser perdida. Temos essa pro-

As pessoas que encontraram um relógio na areia do deserto podem saber que existiu um fabricante de relógios, a despeito de sua ignorância e inexperiência quanto a sua origem.

messa agora, de que, embora as pessoas possam cair, a Igreja e o evangelho estão aqui para ficar, e todos os poderes da terra e do inferno não podem produzir novamente uma apostasia total. Esta restauração, extremamente necessária, veio através do Profeta Joseph Smith, que seguiu os caminhos trilhados pelos profetas Adão, Enoque, Noé, Abraão e Moisés, e do Senhor Jesus Cristo. E esta é a Igreja organizada através de revelação pelo Salvador: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que, originando-se de uma revelação de Jesus Cristo, dele recebeu plena e completa autoridade, planos e programas.

Assim, no início do século dezenove, foi reintroduzida no mundo a "obra maravilhosa e um assombro". O jovem Profeta, cuja mente não havia sido contaminada com os pecados do mundo ou influenciada por falsas filosofias dos ho-

Fotografia por Longin Lonczyrna Jr., Design Center, Utah, EUA



mens, foi o instrumento da Restauração. Como em todas as outras dispensações, e em especial na anterior, em que Jesus veio pessoalmente para restaurá-la, a pequena semente da verdade teve que lutar contra uma montanha de falsidades. Organizações de igrejas feitas pelos homens, sem pretensões de divindade ou revelação, encontravam-se em abundância por toda parte. As doutrinas corrompidas de séculos anteriores estavam todas ali. Reinava a confusão religiosa, e a maioria do mundo se opunha tenazmente à obra, clamando “falso profeta” à primeira menção da verdade restaurada. A pequenina organização, iniciada em 1830, com seis membros, cresceu de maneira fenomenal até cerca de quatro milhões neste curto período. Ela aqui se encontra para ficar. Esta igreja de Jesus Cristo (apelidada Mórmon) é a “única igreja verdadeira e viva” plenamente reconhecida por Deus, a única organizada de modo apropriado, com a autoridade para realizar em nome dele, e a única com um programa total, compreensivo e verdadeiro que levará o homem a poderes incríveis e a reinos increditáveis.

Isto é uma verdade absoluta. Não pode ser refutada. É tão verdade quanto a forma quase esférica da terra e como a gravidade; tão verdade quanto o brilho do sol — tão positiva quanto a verdade de que vivemos. A maioria do mundo descrela, os ministros tentam desacreditá-la, os intelectuais pretendem explicar seu aparecimento e refutá-la; mas, quando todas as pessoas do mundo estiverem mortas, e os ministros e sacerdotes forem apenas cinza, e os altamente ilustrados estiverem desfazendo-se em suas tumbas, a verdade prosseguirá — a Igreja continuará triunfante, e o evangelho ainda será verdadeiro.

O Senhor definiu a verdade como sendo um “conhecimento das coisas como são, como eram e como serão” (D&C 93: 24). A existência de Deus é uma realidade. A imortalidade também. Essas realidades não desaparecerão simplesmente porque temos opiniões diferentes a res-

peito delas. Não se dissolverão simplesmente porque alguns têm dúvidas a seu respeito.

Opinião? É claro que existem diferentes opiniões; mas, outra vez, a opinião não pode mudar leis ou verdades absolutas. Nunca farão com que a terra seja plana, que o sol obscureça a sua luz, que Deus morra, ou que o Salvador deixe de ser o Filho de Deus.

Ora, é uma boa pergunta a que tem sido feita por milhões de pessoas desde que Joseph Smith a proferiu: como poderei saber qual de todas, se é que há alguma, das organizações é autêntica, divina e reconhecida pelo Senhor?

Ele deu a chave. Você pode saber. Não precisa ficar em dúvida. Siga as instruções prescritas e poderá ter um conhecimento seguro de que essas coisas são verdades absolutas. O procedimento necessário é: estude, pense, ore e aja. A revelação é a chave. Deus a tornará conhecida de você, caso se torne humilde e receptivo. Havendo despedido todo o orgulho de seu próprio conhecimento e sabedoria, tendo reconhecido diante de Deus a sua confusão, sujeitado o seu egoísmo e se rendido aos ensinamentos do Santo Espírito, estará pronto a começar a aprender. Mantendo obstinadamente noções religiosas preconcebidas, o indivíduo nunca estará receptivo aos ensinamentos. O Senhor tem prometido repetidas vezes que lhe dará um conhecimento de coisas espirituais, quando você tiver uma apropriada disposição de espírito. Ele nos aconselhou a procurar, pedir e buscar diligentemente. Essas inumeráveis promessas são resumidas por Morôni no seguinte: “E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas.” (Morôni 10:5). Que promessa! Que fantástico! Que maravilhoso!

Deixe-me repetir, tempo virá em que todos aqueles que já viveram nesta terra, os que vivem agora ou que ainda nela habitarem, se renderão; e será uma rendição voluntária, incondicional. Quando acontecerá isso para você? Hoje? Dentro

de vinte anos? Duzentos anos? Dois mil, ou um milhão? Quando? Novamente eu lhe digo, John, não é questão de *se* você capitulará à grande verdade; a questão é *quando*, pois sei que não resistirá indefinidamente ao poder e pressão da verdade. Por que não agora? Já se perdeu muito tempo. Os anos que se encontram à frente podem ser, para você, muito mais gloriosos do que qualquer dos que já passaram.

quanto ora a respeito. Deve haver uma mente aberta, um coração sincero, um desejo, um esforço. A certeza lhe virá definitivamente, mas não sem que haja esforço. Presto-lhe testemunho de que isto é verdade. Eu o sei. Envio-lhe uma advertência solene; e quando você estiver em pé, diante do tribunal no julgamento, em um futuro não muito distante, saberá, então, que falo a verdade, com o seu eterno bem-estar em mente. Por favor,

Joseph Smith foi a um bosque, passou bastante tempo de joelhos e saiu com um conhecimento da divindade de Eloim e seu Filho, Jesus Cristo — uma convicção tão firme que o fez seguir voluntariamente para o martírio, em vez de negar seu testemunho.

Como seria tolo o israelita escravizado que já tivesse nascido em escravidão e nada conhecesse além disso, dizer a si mesmo: "Isto é a vida. Nada há de melhor. Aqui fico com a barriga cheia e tenho um bom lugar onde dormir." Que visão limitada teria ao preferir tal condição, quando lhe fosse dito que, do outro lado do mar, e cruzando o deserto, o esperava uma terra prometida, onde poderia ser livre e bem alimentado, ser senhor de seu próprio destino, e ter horas de folga, cultura, crescimento e tudo o que um coração reto pode desejar. O que importa? Qual é a diferença entre a luz e as trevas — entre crescer e murchar — um gigante e um pigmeu — a liberdade e a escravidão — a eternidade e o dia efêmero?

Agora, com grande humildade, envio-lhe esta mensagem, John, e a todos os outros que possam ouvi-la, com uma prece em meu coração de que não a despreze, mas que pense nela e pondere en-

lembre-se de que tentei chamar sua atenção para este assunto com todas as forças para que pudesse impressioná-lo. A Igreja verdadeira e viva e seus representantes permanecem prontos a fornecer respostas a quaisquer perguntas; e eu lhe prometo sinceramente que se você estudar e orar, mantendo a mente aberta, receberá a luz, e ela será para você como o surgir de um novo dia, depois de atravessar a noite de escuridão.

Ofereço-lhe, mais uma vez, a ajuda da Igreja, mas não o pressionarei ou forçarei com este assunto. Você é amadurecido, tem um bom intelecto, uma criação firme, e as sementes da verdade foram plantadas em sua vida quando era jovem. Todos os poderes da terra e dos céus não lhe podem trazer esse conhecimento. Não pode ser esperado ou comprado. Precisa vir através de uma pesquisa cuidadosa, honesta e sincera. A Igreja permanece pronta a fornecer a assistência que você solicitar.

Você não pode desvencilhar-se deste apelo e advertência, sem assumir uma grave responsabilidade. Terá que responder ao seu Criador, se a ignorar, da mesma forma como eu teria que prestar contas se a ignorasse. Estou fazendo o melhor possível para apresentá-la. Sei que este é o único programa completo, divino e eterno que é reconhecido e aprovado por Deus!

Joseph Smith foi a um bosque, ajoelhou-se durante muito tempo e saiu com um conhecimento da divindade de Eloim e seu Filho, Jesus Cristo — uma convicção tão firme, que o fez seguir voluntariamente para o martírio, em vez de negar seu testemunho.

Paulo, em seu caminho para Damasco, viu um glorioso personagem e ouviu sua voz; e no entanto, mesmo depois dessas manifestações incomuns, orou para que pudesse saber, sem sombra de dúvida quanto à divindade de Jesus Cristo, e de seu Pai, e de seu programa eterno. Ele por fim o soube tão positivamente, que dedicou o resto da vida à pregação dessas verdades. Foi apedrejado quase até morrer e levantou-se novamente. Sofreu fome, sede, perseguições. E então, sabendo

do muito bem que a vida lhe seria tirada, foi gloriosamente em direção à morte, dando assim não apenas sua energia, tempo e capacidade, mas a própria vida pela causa. Paulo sabia mais a respeito das verdades salvadoras, necessárias para o bem-estar das almas humanas, do que todos os sábios e doutores de sua época, ou da nossa. Ele sabia que Deus vive, que Jesus é o Cristo, e o evangelho um meio de vida eterna, mortal e imortal, que nunca termina; ele sabia que as recompensas de eternidades valiam os sacrifícios dos confortos desta vida.

Você pode saber, como o souberam Joseph Smith, Paulo, Pedro e um grande número de seus contemporâneos. Esta não é uma outra igreja. Esta é a **Igreja**. Este não é um outro evangelho ou filosofia. Esta é a **igreja** e este é o **evangelho** de Jesus Cristo.

Nosso Pai vive; seu Filho vive. Estou tão certo disto, que desejo prestar testemunho desse fato até o último esforço de minha língua e meus lábios. Desejo ir para a eternidade e encarar o meu Deus com este testemunho em minha boca. Quanto a essas verdades presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

É no coração do homem que reside o princípio e o fim de todas as coisas. (Leon Tolstói) e é no coração do homem que está o amor. Esqueçamos os rancores e ódios. Amemos o próximo, ainda que ele esteja muito além do oceano, em terras que desconhecemos, ainda que tenha outra cor de pele e outras crenças. Ainda que seja um anônimo, ainda que nunca tenha cruzado com você na rua, ainda que você se considere muito mais importante do que ele. A única semelhança entre vocês: ambos são humanos, ambos são filhos de Deus.

Eu Desejava Uma Sarça Ardente

Robert E. McGhee

Fotografia por Eldon K. Linchoten



Fiquei chocado quando, há alguns anos atrás, me mudei para o Vale do Lago Salgado. Naquela época, eu realmente não sabia muita coisa a respeito dos mórmons — só tinha a vaga noção de que eles viviam “lá no oeste” e que, de alguma forma, contribuíram para o seu desenvolvimento. Tanto meu interesse como meu conhecimento paravam nesse ponto. Fiquei, portanto, surpreso ao descobrir que me mudara para um estado inteiro cheio de mórmons!

Creio que o modo como fui criado tinha muito a ver com minha falta de interesse por religião, fosse qual fosse. Nasci como episcopal, mas meu pai morreu quando eu contava nove anos, e então fui para um orfanato desligado de qualquer denominação religiosa. Minha experiência ali me deixou sem preferência quanto às igrejas. Mais tarde, freqüentei várias delas e achei todas boas.

Com o passar do tempo em nossa nova casa, minha mulher e eu começamos a

compreender quem e o que eram os mórmons, e eu esperei pacientemente a investida de mórmons bem intencionados que tentassem converter-me. Mas a investida não veio. Os mórmons que conhecíamos eram amigáveis, mas não faziam pressão. Assim, comecei a fazer perguntas. Mas, as respostas não pareciam ser muito relevantes.

Então, certo dia, conheci Dick Reisner. Ele possuía uma ótima e bela família e deveria ser o meu coordenador durante um ano de treinamento em um novo campo profissional. Ele era um mórmon entusiástico e fiquei impressionado. Sua dedicação à crença era precisa e honesta. Ele me fazia perguntas afavelmente para ver o que eu sabia a respeito de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A essa altura eu já conhecia bastante; havia lido a história dos primórdios da Igreja e sabia, de maneira geral, sobre seu governo e suas crenças.

Para mim o principal obstáculo encontrava-se no princípio da fé. Arrazoei que, se Deus podia mostrar-se ao pecador Saulo na estrada de Damasco, e falar através de uma sarça ardente a Moisés, poderia manifestar-se a mim de modo semelhante. Uma vez convencido, eu certamente seria um dos defensores mais fortes de Deus, e um de seus arquitetos mais capazes; mas, minha conversão tinha que ser pelo menos tão dramática quanto uma sarça ardente.

Meu treinamento em Utah terminou muito rapidamente e nos mudamos para St. Augustine, no estado da Flórida.

Entretanto, à medida que passava o tempo, descobrimos que sentíamos falta de Utah — especialmente do povo. Verificamos na lista telefônica se havia alguma igreja mórmon na região. A mais próxima delas encontrava-se a 64 quilômetros. Decidimos que passaríamos sem ela; não queríamos tanto a Igreja quanto desejávamos o convívio das pessoas que a compunham.

Depois de certo dia particularmente cansativo, voltei cedo do trabalho, en-

contrando minha mulher ocupada, na cozinha.

“Tivemos algumas visitas hoje”, sorriu ela.

“É mesmo? Quem? Vendedores?”

“Sim... mais ou menos.”

“Quem?”

“Dois missionários mórmons.”

“Você está brincando!”

“Não estou, não. Deixaram um panfleto, veja você mesmo. Há um número de telefone anotado.”

“Vou falar com eles. Aposto que vão ficar admirados!”

Ela riu-se. Telefonei-lhes e convidei-os a vir a nossa casa. Informaram-me que o ramo se reunia no “Odd Fellows Hall”.

**Concluí que, se Deus podia
mostrar-se ao pecador Saulo na
estrada de Damasco, e falar através
de uma sarça ardente a
Moisés, então poderia
manifestar-se a mim de modo
semelhante. Uma vez convencido,
eu certamente seria um dos
defensores mais fortes de Deus.**

Pensei ter entendido mal, mas agradecei-lhes e desliguei.

Os dois rapazes que nos vieram visitar ofereceram-se para apresentar seis lições fáceis durante um período de seis semanas. Por que não recebê-las? Pensamos. Era um preço pequeno a ser pago pela companhia dos mórmons. Além disso, eu já discutira com pessoas bastante cultas.

Naquele domingo, nós nos levantamos cedo e, com bom-humor atiramos-nos à “luta” para aprontar quatro crianças. Mas, calculamos mal o tempo.

"Estamos atrasados," disse minha mulher, ao entrarmos no estacionamento do Odd Fellows Hall.

"Pode ser," respondi, "que seja melhor esperarmos. Não sabemos nem mesmo para que lado está sentada a congregação. Seria muito embaraçoso se entrássemos e descobríssemos que todos estavam de frente para nós."

Entretanto, o dilema foi resolvido quando um senhor de boa aparência saiu de um dos carros estacionados e apresentou-se como o presidente do ramo. Sabendo que poderíamos chegar atrasados, ele decidira esperar-nos.

As crianças foram levadas para suas devidas classes, enquanto éramos apresentados em nossa aula de pesquisadores. Nosso instrutor era, sem dúvida, um homem culto, e conhecia muito bem o seu material. Encontrar pessoas de mesmo nível intelectual que o meu pertencendo a uma igreja e professando crença incondicional em Deus, forçava-me a reavaliar meu próprio raciocínio.

Gostamos bastante daquele dia. Assistir à reunião da igreja fez-nos sentir mais unidos como família; e sentimos algo de magnificante e gratificante na humildade simples do ramo.

Pouco depois, entrei em contato com outro amigo de Utah, Dennis Hill, com quem trabalhara. Disse-lhe que estávamos freqüentando a Igreja. Ele prometeu-me enviar um livro, embora eu tentasse convencê-lo de que estava freqüentando apenas porque gostava das pessoas.

O livro **Uma Obra Maravilhosa e um Assombro**, de LeGrand Richards chegou-nos depois de nossa segunda visita ao pequeno ramo. Coloquei-o de lado para ler "quando tivesse tempo". No terceiro domingo, decidimos que estávamos muito cansados para ir à igreja. Ninguém nos telefonou para perguntar: "Onde é que vocês estavam?" e ficamos desapontados.

Mas, na segunda-feira à noite, o telefone tocou. Eram os missionários! "Sentimos sua falta na igreja, ontem."

"Sim, mas vocês sabem como é."

"Sim, sabemos." Uma pausa. "Nós lhes prometemos seis lições; gostaríamos de começá-las logo."

"Ótimo! Que tal amanhã à noite, e daí por diante, todas as terças-feiras?"

Este foi o início de uma amizade muito boa. As crianças adoravam estes dois rapazes que transpiravam fé e felicidade.

Eu cooperava com suas tentativas de usar de psicologia comigo, porque achava que eles precisavam praticar; entretanto, tive que estabelecer um limite, quando me pediram que fizesse a oração na abertura e encerramento dessas reuniões. Eu ficaria feliz se eles ou qualquer outra pessoa proferissem a oração, mas sentir-me-ia hipócrita orando a um Deus de cuja existência eu não tinha certeza.

No domingo seguinte, haveria uma conferência de estaca em Jacksonville, Flórida, e o orador não era outro senão o Elder LeGrand Richards. Peguei meu livro e comeci a lê-lo. (Se vou ouvir alguém, quero saber o mais possível a seu respeito.) Quando chegou o dia, conseqüi sentar-me bem na frente, onde poderia ver e ouvir bem. Impressionou-me a mente perspicaz deste homem; contudo, fui ainda mais tocado por sua sinceridade, convicção e fé.

As lições missionárias prosseguiram e começamos a adquirir uma compreensão melhor do que era o evangelho. Mais ou menos na quarta lição, começamos a entender que estes missionários estavam planejando encerrar com um convite para sermos batizados.

"Eu não vou fazer isso!" disse a minha mulher. "Nem mesmo confio em mim quanto a uma coisa tão simples quanto a oração. Não vou fazer tudo isso." Ela concordou.

Os missionários finalmente mencionaram o assunto, dizendo-nos que havia sido marcada uma data de batismo. Será que gostaríamos de ir? "Não," disse-lhes eu. "Não sinto vontade."

Por que me decidi repentinamente a ser batizado?
Por compreender que, ao procurar uma sarça ardente,
eu estava perdendo algo tão importante quanto isso.
Talvez a resposta estivesse nas coisas simples
que me estavam acontecendo.

“Bem, continuaram eles, “nesta sexta-feira nós vamos batizar dois outros. Vocês gostariam de vir e observar?”

“Onde?”

“A uma quadra daqui, — no mar.”

“No mar!” disse, admirado, olhando para minha mulher. “Está muito frio nesta época do ano.”

“Sim, nós sabemos.” Os missionários parecem sempre imperturbáveis.

Fomos. Depois do serviço batismal, os missionários nos perguntaram: “Isto não faz com que tenha vontade de ser batizado na próxima vez?”

“Não!” respondi. E era exatamente isso o que estava pensando.

Durante todo esse tempo, os élderes estavam ensinando também outra família, um belo casal que tinha o nome de John e Louise Hatch.

Só havíamos estado em contato com essa família rapidamente na Igreja, mas ficáramos impressionados com sua animação e sinceridade. Quando tivemos nossa sexta lição, os élderes nos disseram que John e Louise haviam decidido ser batizados na próxima sexta-feira, que era justamente Sexta-Feira Santa. Ocorreu-me que esta era a ocasião ideal para ser batizado, pois seria um tipo de “agradecimento” a Cristo para comemorar esse dia especial com o próprio batismo. No

entanto, não sentia vontade de fazê-lo. Ainda estava procurando aquela sarça ardente.

Mas, quando os élderes se estavam preparando para sair, depois de nossa sexta lição, perguntaram, como era seu costume, se eu gostaria de oferecer a oração. Para meu espanto, ouvi-me concordando; depois de minha prece, dois missionários um tanto atônitos felicitaram-me. Eu fiquei pensando profundamente, ao término daquela noite.

No dia seguinte, antes de sair para o trabalho, enchi-me de coragem, respirei profundamente e disse a minha mulher que decidira ser batizado na sexta-feira, querendo que ela fosse comigo. Sua surpresa teria sido a mesma, se o teto explodisse ou se o estado da Flórida começasse a escorregar vagarosamente para o mar.

“Você não pode fazer isso!” disse ela.

“Por que não?”

“A água do mar está muito fria!”

“Eu sei, mas já me decidi. Com você ou sozinho, vou fazê-lo. Pense sobre o assunto e dê-me a resposta hoje à noite, porque vou telefonar para os missionários amanhã e avisá-los para que me consigam algumas roupas especiais.”

Beijei-a e deixei-a de pé, na porta. Mas não quis que ficasse na expectativa o dia todo; assim, telefonei-lhe mais tarde.

“Você já se decidiu?”

“Não vou deixar que você o faça sem mim!”

“Ótimo. Vou ligar para os missionários hoje à noite. Pergunte às crianças se também querem unir-se a nós e avise-me depois do trabalho.”

Os dois garotos mais velhos decidiram ir conosco. (Os dois menores ainda eram muito pequenos.) Fomos batizados na sexta-feira; e, desde que me levantei da água, nunca duvidei de que fora a minha decisão mais acertada.

Por que me decidi repentinamente a ser batizado? Porque compreendi, na noite da sexta lição, que uma sarça ardente não era a coisa certa a ser procurada. Entendi que, ao procurar uma sarça ardente, eu estava perdendo alguma coisa que era tão importante quanto isso. Talvez a resposta estivesse nas coisas simples que me estavam acontecendo.

Recordei-me da semana anterior a nosso batismo. Mais uma vez tínhamos chegado atrasados à Igreja. Para disfarçar o embaraço da situação, um rapazinho, Eddie Larkle, nos dera as boas-vindas com um simples aperto de mão. Naquele momento, senti nele uma fé tão forte, que fiquei profundamente impressionado. Era o tipo de fé sobre a qual Jesus falou a Tomé: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.” (João 20:29.) Decidi que desejava aquele tipo de fé.

Compreendi que minhas experiências anteriores me haviam impressionado de maneira semelhante, mas, devido ao desejo de uma conversão miraculosa, eu havia deixado de reconhecer os influxos do

Espírito. Meus encontros com os membros da Igreja não haviam sido espetaculares, no entanto, tinham sido significativos.

Cada pessoa tinha — de seu próprio modo — apresentado uma fé que, apesar de simples, era forte: Dick Reisner havia plantado a semente; Dennis Hill enviara o livro: os missionários tinham batido em minha porta; o presidente Presler nos esperara naquele primeiro domingo; o Élder Richards apresentara uma mensagem inspiradora; Eddie Markle aliviara um momento de tensão com um aperto de mão. Cada pessoa, através de seu exemplo, havia deixado que a forte luz de seu testemunho brilhasse. E, para mim, que estivera nas trevas, cada exemplo era como “quando a candeia te alumia” (Lucas 11:36), trazendo-me a um testemunho da verdade.

Os mórmons amam suas famílias e eu os amo por isso. Como um grupo religioso, eles são, na realidade, uma família em si — com todo o amor e aprendizado inerente disso. Entretanto, através de tudo isto, um fato nunca se modifica: eles têm o evangelho de Jesus Cristo. Uma sarça ardente não é a resposta. Temos a liberdade de escolha — podemos escolher uma escuridão despida de fé, ou iluminá-la brilhantemente e para sempre com nossa crença. Os mórmons acreditam! E eu também.

Robert E. McGhee, oficial de contratos da Força Aérea Norte-Americana e pai de quatro filhos, é um élder na Estaca de Richmond — Virgínia.

Durante o namoro conserve os olhos bem abertos, mas depois do casamento feche-os um pouco.

David O. McKay

O Dom Do Espírito Santo

Élder Mark E. Petersen

Ilustrado por Richard Hull.



Cada um dos membros da Igreja é batizado, ou nascido da água e do Espírito. Quando somos confirmados membros da Igreja, recebemos o "batismo do Espírito", que é uma influência santificadora para guiar-nos através da vida. Nós a chamamos dom do Espírito Santo.

Todos nós recebemos inspiração através deste dom, se vivermos dignamente e orarmos por ele. Este dom pode ajudar-nos em nossos trabalhos escolares, na escolha de amigos e ao tomarmos nossas decisões diárias.

Este dom tem sido também uma influência importante na obra missionária. Por exemplo: Quando eu era um jovem missionário, tive, como companheiro, um homem maravilhoso de Rupert, Idaho. Seu nome era Élder Henry L. Baker. Fazíamos proselitismo, de porta em porta, em uma cidade do leste do Canadá.

Ao chegarmos a certa casa, uma senhora nos atendeu e convidou-nos imediatamente a entrar — antes que tivéssemos a oportunidade de fazer a apresentação normal! Mal havíamos entrado e ela disse: "Onde está o livro que vocês deveriam trazer-me?"

É claro que ficamos assombrados. Mas ela explicou logo. Disse que, durante a noite anterior, em sonho nos vira aproximar-nos de sua casa. Tinha sido tão vívido, disse, que, quando nos viu chegar a sua porta, reconhecera-nos imediatamente. Fora-lhe dito, no sonho, que tínhamos um livro que levaria toda sua família à salvação.

Nós lhe demos imediatamente o Livro de Mórmon e o debatemos por algum tempo com ela. A senhora convidou-nos a voltar naquela mesma noite, para conhecer sua família, e isso fizemos. Depois de um período apropriado de estudo, todos uniram-se à Igreja e ainda são fiéis e leais.

Há uns 20 anos atrás, fui designado para ir a Montevidéu, no Uruguai, a fim de visitar a missão e dedicar a primeira capela construída naquela cidade. Durante o ano anterior, o Presidente David O. McKay havia procedido à abertura da terra para aquela capela, esperando poder voltar e dedicá-la. Outros deveres impediram-no de fazê-lo, e assim eu fui enviado.

Depois de nosso serviço dedicatório, uma irmã italiana veio apertar-me a mão. Antes de fazê-lo, ela levantou a mão direita e pediu-me que olhasse para ela. Eu o fiz, mas nada vi de diferente. Então a irmã chamou minha atenção para uma cicatriz na palma da mão e explicou:

"Quando o Presidente McKay esteve aqui para abrir o terreno para nossa capela," disse, "eu tinha um câncer na palma da

mão. Os médicos não me podiam ajudar, e o câncer estava-se alastrando. Induzida pelo Santo Espírito senti que, se simplesmente tocasse a mão do Presidente McKay, seria curada.

"Muitas pessoas se aglomeraram, a fim de cumprimentar o presidente, e, por haver tantos, fiquei desencorajada. Mas minha inspiração continuava. Senti que era o Santo Espírito que me incitava a prosseguir. Encontrei-me com o presidente. Minha mão direita estava muito enrolada com curativos, assim, tive que apertar-lhe a mão com a esquerda.

"Quando voltei para casa, tirei os curativos e, para minha grande satisfação, vi que a ferida já estava secando. Mostro-lhe agora esta mão, toda curada, e quero que conte isto ao Presidente McKay."

Tive uma experiência semelhante em Idaho, alguns anos depois. Estava assistindo a uma conferência de estaca. Depois da sessão de domingo pela manhã, um dos bispos trouxe sua idosa mãe para ver-me. Eu me referira, durante meu discurso, ao Livro de Mórmon, e ainda o estava segurando.

Ela tirou-o de mim, abriu-o, leu um parágrafo qualquer, e mo devolveu. Fiquei intrigado. Então ela me disse que, na conferência de estaca anterior, o visitante fora o Élder Thomas E. McKay, um dos Assistentes dos Doze.

Perguntou-me se eu conhecia o Élder McKay e é claro que respondi que conhecia. Ela me disse: "Pode, por favor, dizer-lhe que li um parágrafo em seu livro? Quando ele esteve aqui em nossa última conferência, meu filho o trouxe a nossa casa e pediu-lhe que me administrasse. Eu

estava cega. Por favor, diga-lhe que eu li em seu livro."

O poder do Espírito Santo é um dos grandes recursos dos santos dos últimos dias, se o usarem. Não é apenas pelo poder divino que as pessoas são curadas, mas o Santo Espírito é realmente um guia para nós em nossas atividades diárias.

Cada um de nós tem uma consciência. Quando nossa consciência nos ordena que evitemos alguma coisa, ou quando estamos com problemas e ela nos incita ao arrependimento, é o Espírito que nos está influenciando. Pode ser a nossa salvação.

Vamo-nos lembrar de que a glória de Deus é inteligência e de que a glória da humanidade também é inteligência.

Quando o Espírito de Deus opera sobre nós, podemos receber ajuda da inteligência divina que nos dá luz e orientação a nossa própria inteligência (espírito).

O Salvador nos ensinou que o Santo Espírito é o Espírito da Verdade, e "ele vos guiará em toda a verdade... e vos anunciará o que há de vir." (João 16:7-16.)

Ao passarmos pela vida, temos muitos professores, mas o Espírito Santo pode tornar-se nosso melhor mestre. Ele é membro da Trindade. Sua ajuda e influência podem vir em nosso socorro em qualquer lugar, se fizermos o que é correto.

Muitos de nós aceitamos nossa confirmação na Igreja e lhe damos pouca importância. Mas ela é nosso meio de obter o dom do Espírito Santo, que pode ser uma proteção constante contra o mal e uma grande luz para iluminar o caminho de nossa vida através dos anos.

Há decisões na vida que podem modificar seu futuro e o futuro de gerações inteiras. Escolha os passos a dar com muito cuidado, na direção que você julgar ser a certa, não importa quão difícil pareça, e Deus estará com você.

As respostas são para ajuda e orientação, não como pronunciamentos de doutrina da Igreja.

Perguntas e Respostas



Bispo Victor L. Brown.
Bispo Presidente da Igreja.

"Tenho um problema pessoal. Meu amigo sugeriu-me que procurasse um conselheiro profissional, mas sinto que devo procurar meu bispo. O que é certo?"

O Presidente Spencer W. Kimball, como membro do Conselho dos Doze, deu uma importante orientação relativa a esta pergunta. Será de valor citar aqui parte de um discurso feito a um grupo de pessoas que trabalham com a saúde mental dos santos dos últimos dias, sobre o assunto do bispo em relação aos conselheiros profissionais:

"Um bispo é ordenado com uma investidura eterna que só é perdida através de indignidade que o faça sofrer a punição da Igreja, possivelmente a excomunhão.

"Devido a seu chamado, ordenação e designação, torna-se também um juiz em Israel e tem a responsabilidade de tomar muitas decisões por seu povo, as quais afetam seu progresso, desenvolvimento e sua vida. Ele tem controle sobre suas atividades espirituais, devendo dar-lhes oportunidades de crescimento e também avaliar suas realizações. Ele decide se seu povo é digno de certas bênçãos e privilégios, e se é elegível para tais. O bispo possui as chaves para todos os templos do mundo e é ele quem precisa girá-las para abrir essas portas a seus membros, e, através do casamento eterno, para a vida eterna.

"Não é incomum encontrar o líder espiritual de uma ala em uma vala com ferramentas de encanador, na fazenda, com suas vacas e porcos, em um banco, no guichê do caixa, ou na mesa de um administrador. Ele pode ser o zelador da escola ou o seu diretor ou presidente. O bispo pode coletar lixo ou entregar correspondência, ser um policial, um pintor, um professor, um comerciante ou um capitalista aposentado.

"Fazemos as coisas de modo diferente. Pedro disse: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa," assim como um povo diferente. (Vide I Pedro 2:9.)

"Assim, os bispos podem estar despidos de muita coisa no que se relaciona à educação formal, ou podem ser altos especialistas em cultura acadêmica. Mas, tanto um como o outro terá sucesso em proporção a sua dependência da orientação divina e a sua humildade, industriiosidade, amor e consagração.

"Admiro-me, em muitas ocasiões, quando me reúno com um bispo para examinar um sério problema de um membro da ala, ao ver a sagacidade, sabedoria, inspiração e julgamento que alguns desses jovens bispos apresentam ao cuidar dos problemas extremamente complicados dos membros.

"Eu não estaria sendo realista, e estaria faltando à verdade, se dissesse que todos esses jovens são perfeitos como homens ou como bispos. Eles são mortais, sujeitos aos caprichos e fraquezas comuns aos seus

semelhantes. Nem todos têm uma aparência tão agradável quanto o Presidente David O. McKay. Nem todos são tão bondosos quanto o Presidente George Albert Smith, mas como conheci milhares deles pessoalmente durante mais de meio século, repito que fico assombrado com o poder, força e dignidade, bondade e capacidade da maioria desses jovens. Ocasionalmente um deles precisa ser substituído devido à conduta imprópria ou por incapacidade de fazer aquilo que dele se espera. Isto é raro. A grande maioria é magnífica. Levantem-se essas personalidades em seu manto de autoridade, e seria difícil conseguir um grupo comparável de igual número em lugar algum, que seja tão extraordinário.

"Diz-se: 'os pensamentos de Deus não são os pensamentos dos homens.' Este homem, o bispo, não precisa ser culto em todos os campos da educação, pois tem acesso à fonte de todo o conhecimento. Existe revelação, não somente para o profeta, mas para cada homem digno e reto. Ele tem direito à orientação divina em sua própria jurisdição: todo homem para sua própria família e para si mesmo; todo bispo para sua ala; o presidente da estaca para sua estaca.

"Portanto, o bispo pode recorrer a este reservatório sem limites de conhecimento e sabedoria, se estiver em sintonia com seu Criador; ao passo que, se confiar apenas em si mesmo e em seu conhecimento, poderá falhar. Sua fonte de inspiração é o Mestre dos Médicos, o Mestre dos Psiquiatras, o Mestre dos Psicólogos. Não é provável que ele se desencaminhe, se for humilde e fizer o que deve.

"Inúmeras vezes a Igreja tem sido incentivada por alguns de seus membros a treinar os bispos nestes campos especiais, para torná-los eficientes ao cuidar dos problemas sociais com que se confrontam, mas isto não tem sido feito, baseando-se no fato de que, se o bispo estiver sintonizado com o Senhor, poderá obter a sua ajuda do alto. "Em resumo, nosso programa é este:

"A enfermidade: Pecado mental e físico.

"A cura: Autocontrole.

"O meio de conseguir a cura: A Igreja.

"O Remédio: O Evangelho.

"O Tratamento: Atividade construtiva tão repleta de boas obras, que não haja nem tempo para se pensar ou praticar o mal."

Esta declaração do Presidente Kimball é meu guia pessoal. Ela coloca o bispo no lugar em que o Senhor o deseja, como o sumo sacerdote presidente do povo de sua ala.

E o assistente social, psicólogo, psiquiatra e outros conselheiros profissionais?

O Presidente Kimball disse no mesmo discurso: "A Igreja encontra situações em que os técnicos (profissionais de saúde mental) são chamados para ajudar." Existe um lugar apropriado para esses especialistas profissionalmente treinados. A Igreja tem uma organização para este propósito. Ela é chamada de Serviços Sociais SUD. Existem também outros fiéis santos dos últimos dias que estão a serviço público ou particular e que podem ser solicitados, se o bispo achar que há necessidade.

A determinação da necessidade é essencial. Minha experiência faz-me sentir bastante acentuadamente que a solução verdadeira e duradoura de problemas só ocorre através da vivência do evangelho de Jesus Cristo. A experiência indica também que muitos entre nosso povo ficam tão confusos e são tão maltratados por pais ou cônjuges, embrenham-se no pecado, ou tornam-se mentalmente enfermos a tal ponto, que o profissional certo é necessário para ajudá-los a estabilizar sua vida de modo suficiente, a fim de que sejam capazes de tirar vantagens plenas do programa e princípios salvadores da Igreja e do evangelho de Jesus Cristo. Em outras palavras, existe, algumas vezes, necessidade de colaboração do bispo e do profissional, sob o controle do bispo.

Assim, subordinado e em cooperação com o bispo, acho que o profissional que ajuda é um recurso valioso. Ao mesmo tempo, existem duas importantes preocupações.

A primeira é de que muitos bispos humildes cedem seu lugar a profissionais. Se o bispo transferir completamente a qualquer profissional o aconselhamento de seu povo, esteja ele ligado aos Serviços Sociais SUD ou alguma outra organização, tal bispo estará abdicando de sua responsabilidade que recebeu do próprio Deus.

A segunda preocupação é quanto ao próprio profissional: É triste dizer que existem muitos, mesmo ativos na Igreja, achando que sabem mais do que o bispo; ou alguns desses profissionais parecem ter reservas quanto a algumas de nossas doutrinas ou práticas. Esses tipos de conselheiros devem ser completamente evitados. Não se pode confiar neles. Somente a pessoa que reconhece e respeita a autoridade do sacerdote é bastante digna de confiança para ser usada na ajuda ao bispo.

Existem na Igreja alguns assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras e outros conselheiros profissionais que são maravilhosos. São caracterizados por habilidades profissionais superiores, fidelidade total à Igreja, e verdadeira humildade diante da grandeza dos desafios esmagadores da saúde mental em nossos dias. Essas pessoas são o grupo

seleto que pode ser chamado para ajudar o bispo.

Um pensamento final: Qualquer conselheiro competente sabe que as pessoas mudam através do exercício de seu próprio livre arbítrio. Quando procuramos auxílio através de conselhos, seja do bispo ou de um profissional, a responsabilidade de mudar ou de melhorar continua sendo nossa. Não se deve esperar que alguém mais resolva nossos problemas por nós. Procuramos apropriadamente sabedoria, conselho, orientação, etc., mas permanece dentro de nós o poder de mudar nosso comportamento e, portanto, o curso de nossa vida. É por isso que um relacionamento pessoal com o Salvador é de tanta importância para uma vida bem sucedida e feliz.

Noite Familiar

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias merece o crédito por um programa chamado “Hora Familiar” que os católicos instituíram em St. Paul, Minneapolis.

Folhetos sugerindo um tema diferente para cada semana são vendidos aos membros que o desejam. Mais de 40.000 já foram vendidos.

Os temas incluem: “Interessar-se uns pelos outros”, “Perdoar Setenta vezes Sete”, “A família em Primeiro Lugar” etc. . .

Donald e Sylvia Kramer, de Brooklin Center, realizam semanalmente a “hora familiar” há mais de 5 anos e explicam que disso resultou maior aproximação entre eles e seus filhos.

Segundo o Religious News Service, nas noites de 4.^a feira já é costume começarem com um jantar e uma oração seguida de “uma espécie de bênção ou uma preleção e cânticos”. A lição da semana é inspirada numa escritura. Seguem-se alguns jogos ou brincadeiras ou natação no centro cívico local.

— O noticiário diz que “a idéia de ter uma noite na semana para os membros da família passarem juntos trabalhando, divertindo-se, ou simplesmente conversando foi emprestada dos mórmons que regularmente reservam a noite de segunda-feira para este propósito”.

(Traduzido do “Church News” de 28-4-1979)



COMO VOCÊ PODE ARRANJAR-SE, QUANDO TUDO DÁ ERRADO?

Elder Robert E. Wells,
do Primeiro Quorum dos Setenta

Tenho pilotado muitos tipos de avião nos últimos 30 anos, tanto nos Estados Unidos como em países da América Latina. Não faz muito tempo, quando voltei para os Estados Unidos, depois de uma ausência de alguns anos, um bom amigo ofereceu-me seu novo Cessna bimotor. Acontece que este é um dos meus aviões favoritos. O aparelho não só tem motores especiais muito potentes que podem levá-lo a grandes altitudes, mas também possui todos os rádios, auxílios de navegação eletrônicos, equipamento de medição de distância, instrumentação completa para vôos em todas as condições de tempo etc., exatamente como os aparelhos comer-

ciais. Eu não poderia pensar em um avião mais agradável de pilotar, mas, com tantos equipamentos (este era um aeroplano muito caro e sofisticado), relutantemente deixei de aceitar a oportunidade, dizendo: "Algum dia iremos juntos ao México."

Nos meses seguintes, todas as vezes que via meu amigo, ele me oferecia novamente o avião, sem que eu nunca sentisse dever aceitar, embora a oferta fosse muito sincera. Certo dia, meu amigo trouxe um molho de chaves e um manual de piloto ao meu escritório, como evidência de que realmente apreciaria se eu usasse seu belo avião. As chaves em minha mão geraram um enorme desejo de ir ao

México, ao meu local favorito de pesca em alto-mar. Infelizmente, meu amigo não podia ir nos dias que eu tinha livre, mas assegurou-me que eu deveria ir sozinho. Debates minhas qualificações para ser coberto por sua apólice de seguro e descobrimos que eu precisava de um teste de vôo com um inspetor qualificado, visto que fazia já algum tempo desde que pilotara aquele tipo de avião.

Foram feitos os preparativos e encontrei-me com o inspetor ao lado do avião, na hora marcada, com meus brevês dos EUA, Argentina, Paraguai e Equador, assim como diários de bordo indicando vôos em aviões Cessna 310, atravessando florestas, montanhas, desertos, fronteiras internacionais etc. Ele sorriu calmamente, mas não se impressionou, e disse: "Ja ouvi a seu respeito e não tenho dúvidas quanto às distâncias que já voou, mas



tenho que presumir que esses vôos ocorreram quando nada de errado aconteceu. Agora, vamos pôr este avião em movimento e ver como você pode arranjar-se, quando tudo dá errado!"

Durante a hora seguinte, ele fez com que todas as coisas dessem errado! Ele simulou todas as emergências nas quais pôde pensar. Desligou coisas que deveriam estar ligadas. Ligou coisas que deveriam estar desligadas. Tentou causar desorientação e pânico. Ele queria realmente saber como eu me arranjaria, quando tudo desse errado! Ao final, desemos, ele assinou meu diário e anunciou:

"Tudo está bem com você. Eu deixaria que minha mulher e filhos viajassem com você." Considerei isso como um grande cumprimento.

Um dos propósitos desta vida é o de ser testado, experimentado e provado para verificar-se a qualidade de nosso serviço ao Senhor. O Profeta Joseph Smith disse que seríamos testados para ver se serviríamos e permaneceríamos fiéis através de todos os perigos. Sabíamos, antes de vir, que haveria muitas circunstâncias adversas para nos testar: acidentes, doenças e enfermidades para nos provar; tentações e distrações para nos experimentar; desapontamentos, desencorajamentos, reveses, fracassos e todos os tipos de situações para determinar nosso caráter.

As vezes passamos muitos anos sem problemas e então, acontece de virem todos de uma só vez, parecendo que as cargas são maiores do que podemos suportar. Mas, através disso tudo, temos duas forças principais com que podemos contar: (1) Sabíamos, antes de vir, que seria assim; no entanto, desejamos vir, porque as bênçãos de permanecer fiéis até o fim nos trariam exaltação eterna. (2) Nunca seremos tentados além de nossa capacidade de resistir. (I Coríntios 10:13.)

Não somente são as emergências, acidentes, doenças, enfermidades, desencorajamentos, desapontamentos, reveses, fracassos e tentações os testes para nos prepararmos, mas existem também coisas que podemos não considerar na linha normal de um teste. Uma delas é a prosperidade. As vezes, nossa prosperidade nos torna difícil permanecer espirituais. As vezes, o luxo de possuir um barco de pesca faz-nos quebrar o dia santificado. As vezes possuir uma casa de veraneio em um local de descanso evita que aceitemos posições ou cumpramos designações em nossa ala. A prosperidade é



uma prova. Será que podemos possuir riqueza e nos manter espirituais?

Poderemos usar sabiamente de nossos talentos? Poderemos manter-nos espirituais, quando nosso talento nos leva a carreiras em que devemos apresentar-nos em público, em clubes noturnos, no teatro, ou nos palcos de concertos, onde nos é difícil levar uma vida SUD normal? No entanto, o talento deve ser desenvol-

vido e usado. A questão é: "Seremos bastante fortes para pertencer ao mundo artístico sem sermos corrompidos por ele?"

As vezes, as diferenças normais de opinião, ou diferenças de cultura, ou diferenças de prioridade entre o marido e a mulher permitem que Satanás os tente com uma pergunta: "Você é feliz? Não seria mais feliz com outra pessoa? A felicidade não é a coisa mais importante na vida?" Essas perguntas partem de Satanás, o pai de todas as mentiras. Determinemo-nos a passar por esta prova, acima de todas as outras, de permanecer fiéis a nosso companheiro eterno, mesmo quando há uma interrupção temporária da "felicidade".

Muitos pais normais, com filhos normais, malogram nos testes espirituais de serem tentados e provados em todas as circunstâncias, porque perdem de vista o objetivo de serem exaltados juntos. Em vez disso, permitem que a independência normal da adolescência de um lado, contra a disciplina paterna exagerada do outro, façam com que os filhos, os pais, ou ambos, falhem no teste.

A pergunta continua sendo: Como você pode arranjar-se, quando tudo dá errado? Que tipo de vida você pode ter, quando tem de passar por todo teste, toda experiência e toda prova de sua fidelidade?

Uma mãe bem sucedida é aquela que nunca está tão cansada para seus filhos e filhas que não possa partilhar das alegrias e tristezas deles.

Harold B. Lee

William Hartley

Travessia do Atlântico no Navio Olympus



Enquanto os ansiosos santos europeus se apinhavam a bordo do belo veleiro Olympus, um apóstolo profetizou que sua viagem seria terrível — mas bem sucedida.

O Elder John Taylor, que presidia a Missão Francesa, estava na Inglaterra a serviço da Igreja, no início de março de 1851. Dedicou algum tempo para despedir-se de amigos — conversos e missionários — que então saíam de Liverpool com destino à América do Norte, a bordo do Olympus. Um dos amigos era William Howell, que no ano anterior havia aberto a França para a pregação do evangelho e que fora designado élder presidente para os 245 santos que fariam a viagem. O Élder Taylor desejou-lhes boa viagem. Então, advertiu profeticamente de que o Olympus seria batido por tempestades, que os santos sofreriam o ataque de espíritos malignos e de doenças, mas “que Deus os preservaria no meio de todos os perigos e os levaria em segurança ao porto.”

O tempo de viagem até Nova Orleans era normalmente de cinco semanas, se fossem boas as condições oceânicas. Esperava-se que o grupo de santos, partindo no dia 4 de março, chegasse à América do Norte em meados de abril, para poderem viajar Rio Mississippi acima, antes que os meses da primavera e do verão trouxessem as epidemias mortais de cólera para aquela área. Esta, a sétima companhia mórmon a zarpar durante a temporada de emigração de 1850-51, seria a última, até o próximo mês de janeiro. O Capitão Wilson, um marinheiro hábil, comandava o Olympus, sua tripulação, a companhia de santos e cerca de 60 passageiros não membros.

Os problemas preditos pelo Élder Taylor atingiram-nos durante uma das primeiras noites de viagem. Abaixo do convés, aproximadamente 400 almas estavam dormindo nos beliches que se agrupavam apertadamente ao longo de cada lado do “amplo quarto de dormir” — com cerca de 27 metros de comprimento e 7 de largura. “No meio da noite”, um garoto de 13 anos pulou de seu beliche e com toda sua voz, gritou repetidamente o nome de um outro passageiro. Os pais, um irmão e uma irmã do menino não conseguiam silenciá-lo ou subjugá-lo. “Tornou-se logo evidente,” observou o passageiro Wilson Nowers, “que ele estava possuído por um espírito maligno.” Através da administração do sacerdócio, o espírito maligno foi expulso.

Uma outra parte da profecia do Élder Taylor foi, da mesma forma, cumprida rapidamente. Mal o Olympus entrara no Mar da Irlanda e fortes ventos de proa fustigaram o barco de madeira com enormes vagas dia e noite. Durante três semanas, muitos dos passageiros foram sacudidos de um lado para outro e enjoaram, “sofrendo intensamente com a aflição penosa.” Finalmente, quando o alívio foi trazido por um dia calmo, os passageiros sentiram que a pior parte da viagem havia ficado para trás. Mas os olhos treinados do Capitão Wilson, fazendo um estudo cuidadoso do horizonte, divisaram uma nuvem que se aproximava rapidamente. No início, não era maior do que o chapéu de um homem, mas aumentou e se espalhou de modo alarmante.

O capitão reuniu rapidamente os dois grupos de tripulantes que trabalhavam em turnos e ordenou que todas as velas fossem reduzidas. Permitiu que o Irmão Nowers e um carpinteiro de 20 anos de Dover, Inglaterra, Edmund Fuller, permanecessem no convés e ajudassem a tripulação. (Mais tarde, durante a viagem, o Sr. Fuller apaixonou-se por uma moça mórmon, Adelaide Jelly, e se uniu à Igreja, casando-se com ela em St. Louis, Missouri.)

As velas tinham acabado de ser recolhidas e amarradas, e os passageiros reunidos abaixo do convés, quando nova tempestade atingiu o barco com plena força. O Olympus sacudiu e ziguezagueou “como um bêbado”. O vento violento quebrou o mastro de proa e levou-o ao mar. Vários homens quase caíram no mar com o mastro quebrado que, pendurado ao lado do navio, teve que ser cortado de seus suportes com machados. Torrentes de vento e água racharam o mastro principal no convés.

Atirado para o lado, o Olympus ficou descontrolado. Dentro de uma noite escura e assustadora, o navio lutava, batido por ventos tempestuosos. Suas juntas se afrouxavam, deixando que a água entrasse no fundo.

Duas horas depois de a tempestade haver começado, aproximadamente às 20h00, já havia mais de um metro de água no porão, e as bombas do navio foram acionadas. Em cima, água à altura do joelho varria o convés, fazendo com que o Irmão Nowers e o Sr. Fuller se amarrassem nas bombas que estavam fazendo funcionar, para não serem levados para o mar. Hora após hora, a tempestade abateu-se sobre eles. E o Olympus fazia cada vez mais água.



Cerca da meia-noite, o capitão, a tripulação e os homens que se encontravam no convés estavam desanimados, porque a tempestade não mostrava sinais de amainar. O Irmão Nowers ouviu o capitão ordenar que o segundo imediato Hamilton descesse e dissesse ao presidente dos mórmons, Élder Howell, que, "se o Deus dos mórmons puder fazer alguma coisa para salvar o navio e o povo, é melhor que eles lhe peçam." O capitão confessou que, apesar dos grandes esforços da tripulação, o Olympus estava afundando numa média de 30 centímetros por hora, e que, quando despontasse o dia, estaria no fundo do mar, a menos que a tempestade passasse.

O segundo imediato pediu ao Irmão Nowers que o acompanhasse abaixo, a fim de dar o recado aos mórmons. Assim que o estrondo das ondas permitiu, os dois mensageiros destrancaram a escada do tombadilho e desceram. Encontraram o Élder Howell na cama e transmitiram-lhe o apelo do capitão.

O líder mórmon respondeu calmamente. "Podem dizer ao Capitão Wilson que não vamos para o fundo do mar, pois embarcamos em Liverpool para uma viagem a Nova Orleans, na Lousiana, e chegaremos àquele porto em segurança. Nosso Deus nos protegerá." O Sr. Hamilton voltou ao convés e deu a resposta dos mórmons ao Capitão Wilson.

O Irmão Nowers, ensopado, não pôde deixar de notar o caos absoluto que reinava abaixo do convés. Malas e bagagens soltas rolavam e escorregavam de um lado para o outro à medida que o navio balançava e se agitava. Alguns passageiros estavam chorando. Outros oravam. Alguns simplesmente esperavam.

O Presidente Howell levantou-se rapidamente, vestiu-se e chamou cerca de doze

irmãos, inclusive o novo converso Wilson Nowers, para o seu lado. O líder pediu a cada homem do círculo que, por sua vez, orasse ao Senhor para que poupasse o navio. O Élder Howell orou por último.

"Enquanto ainda estava orando," disse o Irmão Nowers, "notei uma mudança significativa no movimento do navio." Em vez de agitar-se e sacudir, o Olympus "parecia tremer como alguém sofrendo os efeitos de um severo resfriado." Ele não podia acreditar que o navio estivesse afundando. Mas também não podia crer que a tempestade tivesse cessado tão repentinamente.

Depois do emocionado "amém" final, o Presidente Howell mandou que os membros do círculo de oração voltassem para a cama. O Irmão Nowers, entretanto, retornou aos seus deveres na bomba do convés. Ali, assombrado, descobriu que "a tempestade havia cessado miraculosamente; o vento diminuíra e as ondas se haviam acalmado à volta do navio, enquanto à distância as vagas ainda estavam enfurecidas." O Olympus tremia com uma mudança tão repentina.

O bombeamento continuou até surgir o dia. Quando, finalmente, raiou o dia santificado, límpido e claro, o Capitão Wilson admitiu que havia feito tudo o que pudera antes de requisitar os mórmons, e que somente a mão de Deus havia salvo o navio que naufragava.

Enquanto os marinheiros instalavam um mastro provisório para substituir o que havia quebrado, os passageiros reuniram-se no convés. Os santos e os não-membros juntaram-se em orações de ação de graças. Os passageiros vestiram roupas limpas e, pela primeira vez desde a saída de Liverpool, surgiram rostos recém-barbeados. Uma delegação de santos conseguiu permissão do Capitão Wilson para realizar serviços religiosos de domingo.

Naquele dia, 23 de março, depois de sermões e hinos, realizou-se um serviço batismal. Durante a viagem de três semanas, um grupo de passageiros não-SUD havia sido convertido e desejava ser batizado. O capitão aprovou que um grande tonel de água fosse trazido para o convés, a parte de cima fosse retirada, e pequenas escadas colocadas ao lado e na parte de dentro dele. O tonel foi cheio até a altura da cintura. Vinte e uma pessoas, homens e mulheres foram ali batizadas. No dia seguinte, os conversos foram confirmados, o sacramento foi administrado e os doentes ungidos.

Durante a viagem, as atitudes exemplares dos santos e sua conduta tiveram efeito benéfico sobre os outros. Os não membros assistiam aos serviços de oração das 10h00 e 21h00 e aos serviços regulares de pregação nos quais cinco ou seis irmãos faziam breves discursos. Eles testemunharam reuniões em que dons espirituais — profecia, comunicação em línguas e curas — se evidenciaram. Eles e seus filhos assistiam às escolas diárias dos mórmons e ouviam as dissertações noturnas feitas pelos élderes sobre vários tópicos seculares. Esses contatos com os santos produziram mais conversões.

No segundo serviço batismal, foram batizados vinte homens no próprio oceano. A principal cobertura de escotilha do navio foi suspensa por cordas sobre a superfície do Atlântico, para formar uma plataforma flutuante. Então, o Conselheiro Smith e outros sentaram-se na plataforma com as pernas na água, com uma corda de segurança à volta do corpo. Cada converso descia na plataforma através de uma escada de cordas, com uma corda de segurança em volta do corpo e um cinto resistente na cintura.

O converso sentava-se à esquerda do élder oficiante, que segurava o cinto de sua cintura com a mão direita, na parte de trás do pescoço com a esquerda. As mãos do converso agarravam-se ao pulso do élder. Então, a pessoa "era colocada abaixo da água e dali levantada."

Quando os passageiros desembarcaram do Olympus, em Nova Orleans, na Louisiana, no fim de abril, e tomaram o vapor Atlantic para St. Louis, 50 dos passageiros não membros haviam sido convertidos e batizados.

Em St. Louis, Missouri, o grupo se dividiu. Alguns procuraram trabalho ali. Outros embarcaram no vapor Statesman para fazer a viagem de 13 dias para Kanesville, Iowa, onde 150 carroções SUD estavam sendo preparados para a primeira viagem rumo ao oeste na temporada de 1851. O sucesso missionário final dos santos do Olympus veio quando os cozinheiros e taifeiros do Statesman, impressionados pela bondade de seus passageiros SUD, deixaram o navio em grupo em Kanesville, desejando cruzar as planícies e tornar-se parte da sociedade dos SUD em Utah.

Você Deve Pesquisar o Mormonismo

Porque — ele apresenta as verdades plenas do evangelho de salvação numa linguagem compreensível.

— ele apela à razão do homem e ao senso comum.

— não pratica qualquer fórmula mística nem ensina doutrina ambígua, mas ensina verdades claras e praticáveis.

— prega que um homem serve a Deus melhor quando serve bem a seu próximo.

— diz a todos: "Vamos raciocinar juntos".

— declara que os princípios fundamentais do evangelho são tão claros como dois e dois são quatro.

— De fato são tão simples que mesmo uma pessoa que nunca tenha ouvido falar do evangelho não poderá cometer qualquer erro ao interpretá-lo.

— você conhecerá a verdade e a verdade o libertará.

Aubrey J. Parker

O ÊXODO, 1844-47

A migração de dez mil santos dos últimos dias de Nauvoo, Illinois, para o Vale do Grande Lago Salgado no final da década de 1840, permanece como um dos grandes acontecimentos na história mórmon. Unidos na jornada para o oeste, quando a Cidade de Lago Salgado se tornou a nova sede da Igreja, em 1847, estavam membros de outras partes dos Estados Unidos da América do Norte e milhares de conversos da Europa, que se reuniram com os santos na nova Sião ocidental.

Os pioneiros de 1847 traçaram um roteiro pelas planícies inabitadas até o refúgio das Montanhas. Através dessa famosa Trilha Mórmon, nos anos que se seguiram, marcharam cerca de oitenta mil santos dos últimos dias, em caravanas de carroções e grupos de carrinhos de mão. A migração tornou-se mais fácil depois de 1869, pelo término da primeira estrada de ferro transcontinental nos Estados Unidos. Mas, ao findar o século, os líderes da Igreja começaram a desencorajar a migração. Em vez disso, acentuaram a necessidade de edificar a Igreja em muitos países. Novos "lo-

cais de coligação", diziam eles, seriam estabelecidos em alas e estacas por todo o mundo.

Joseph Smith anteviu o movimento para as Montanhas Rochosas em 1842. Inicialmente, sua intenção era estabelecer uma estaca no vale das montanhas ocidentais e, talvez outras nos Estados do Oregon e do Texas, sem abandonar Nauvoo. Ameaças a sua vida e hostilidades para com os santos forçaram uma reconsideração da idéia. Quando o Profeta foi assassinado na Cadeia de Carthage, em 1844, alguns de seus inimigos pensaram que a Igreja se desintegraria e seus membros se espalhariam. Falharam em reconhecer que fortes testemunhos individuais tornavam os membros comprometidos à causa que era maior do que qualquer homem. Aqueles que eram antagonísticos deixaram também de considerar a firme liderança de Brigham Young, presidente dos Doze, que estava determinado a cumprir as normas estabelecidas por Joseph Smith.

A sucessão de Brigham Young à presidência foi primeiramente desafiada por Sidney Rigdon. O Presidente Rigdon, primeiro con-



selheiro na Primeira Presidência desde 1833, havia partilhado de muitas experiências espirituais com o Profeta. Mas, em outubro de 1843, Joseph Smith recusara-se a apoiar seu conselheiro, devido a sua indolência e suspeita de oposição à obra. Quando outras pessoas apoiaram Rigdon, a conferência geral manteve o conselheiro não merecedor de confiança, apesar das objeções do Profeta. Depois do martírio, e enquanto os apóstolos se reuniam em Nauvoo para assumir a liderança da Igreja, o Presidente Rigdon procurou apoio para sua pretensão à presidência.

No dia 7 de agosto, o conselheiro descontente expôs sua proposta aos Doze e aos líderes locais do sacerdócio. No dia seguinte, os santos se reuniram em grande número ao ar livre, a fim de ouvir o debate da questão. O Presidente Rigdon cria que um conselheiro de Joseph Smith estava na linha direta de sucessão. Queria tornar-se “um porta-voz de Joseph”. Brigham Young lembrou à assembléia quanto à natureza do governo da Igreja. Somente os Doze, disse ele, tinham a autoridade para ordenar um novo presidente. Durante vários anos, os

Apóstolos haviam agido em uma função ampla, com responsabilidades por toda a Igreja, executando a revelação de 1835 que dera aos Doze uma autoridade igual àquela da Primeira Presidência. (D&C 107:23-24.)

Depois que o Presidente Young e outros oradores concluíram a conferência especial de um dia inteiro, a congregação apoiou os Doze para que agissem no ofício da Primeira Presidência. Três anos mais tarde, em dezembro de 1847, os Doze reorganizaram o quorum presidente. Brigham Young tornou-se o presidente e escolheu Heber C. Kimball e Willard Richards como conselheiros. Os Doze Apóstolos agiram como a Primeira Presidência durante três anos depois da morte de Brigham Young, em 1877, e por aproximadamente dois anos depois da morte de John Taylor, dez anos depois. O Presidente Wilford Woodruff recomendou que os Doze efetuassem uma reorganização imediata da Primeira Presidência depois de sua própria morte, e tal prática tem sido seguida desde essa época.

O aparente desejo de Sidney Rigdon de acatar a decisão da conferência de agosto de 1844 não durou muito. Logo estava rea-

vivendo suas alegações de possuir uma autoridade superior à dos Doze. Ele saiu de Nauvoo, a fim de organizar sua própria igreja em Pensilvânia e foi excomungado, juntamente com alguns outros membros descontentes.

Um outro dos antigos pretendentes à presidência foi James J. Strang. Converso havia só quatro meses, Strang alegou que o próprio Joseph Smith, algumas semanas antes de sua morte, o havia ordenado para ser o próximo presidente da Igreja. Strang possuía uma carta, alegadamente escrita pelo Profeta, que apoiava sua proposição, mas os Doze declararam a carta como uma fraude, e as investigações históricas, desde aquela época, confirmaram essa opinião. Não obstante, Strang continuou com suas pretensões e reuniu um pequeno grupo de seguidores em sua colônia na Ilha Beaver, no Lago Michigan, onde se coroou rei. Governou a colônia até que foi assassinado por um de seu próprio povo, em 1856. O Elder Lyman Wight também desencaminhou um grupo de santos, levando-o para o Texas em um desafio direto ao conselho de Brigham Young.

Embora o Presidente Young esperasse eventualmente levar os santos para fora de Nauvoo, ele os encorajou a permanecer o tempo suficiente para terminar a construção do templo. Este esforço consumiu as energias da comunidade durante os dezolto meses seguintes, à medida que os membros doavam alimento e vestimentas para os trabalhadores da construção e contribuíam com seu tempo para ajudar a construir a majestosa estrutura. Os santos desejavam ardentemente as bênçãos do templo que lhes haviam sido prometidas por Joseph Smith. O Presidente Young e os Doze reuniam-se freqüentemente com o comitê e o arquiteto do templo, William Weeks, a fim de apressar a construção. No final da primavera de 1845, foram assentadas as coberturas do templo em seus lugares. Esperava-se que estivesse terminado na conferência geral de abril de 1846.

Enquanto prosseguia esse trabalho, começou a haver tensão novamente em Nauvoo. Repetiram-se as pressões que haviam levado ao martírio. O Presidente Young conse-

lhou os santos a não tocarem em política. Esperava evitar que se criasse animosidade contra a Igreja, mas já alguns oponentes da força política de Nauvoo estavam solicitando à legislatura estadual que negasse a constituição municipal de Nauvoo. Esta importante questão foi debatida demoradamente, e o voto final do legislativo, em janeiro de 1845, deixou a cidade mórmon sem governo. Os oficiais de Nauvoo agiram rapidamente, a fim de estabelecer a proteção da polícia com uma força voluntária de cidadãos. Os Doze solicitaram ao Governador Ford, de Illinois, que lhes desse ajuda. Ele os orientou para que criassem um governo da cidade, limitado a um espaço de 2,5 quilômetros quadrados. Este novo governo de Nauvoo assegurou uma estabilidade temporária.

Os opositores dos santos não estavam satisfeitos. Os jornais antagônicos locais argumentavam que os membros da Igreja não deviam ocupar cargos públicos no condado. Isto reabriu o debate público e causou muitos incidentes de vandalismo contra as propriedades mórmons. Os antimórmons e os apóstatas que com eles colaboravam desejavam expulsar os santos das colônias espalhadas para Nauvoo e então forçar toda a comunidade a sair de Illinois.

Com o aumento da oposição, os Doze e o Conselho dos Cinquenta (corpo de homens organizado em 11 de março de 1844 por Joseph Smith, a fim de ser o núcleo do futuro governo de Deus sobre a terra, isto é, o governo político, não o governo da Igreja) planejaram sigilosamente um êxodo para além das fronteiras dos Estados Unidos da América do Norte. Grupos de exploradores partiram de Nauvoo, a fim de descobrir locais para colônias temporárias na parte ocidental de Iowa. A correspondência com os oficiais do governo em Washington, D.C. e nos Estados confirmava a decisão dos Doze: somente em uma parte isolada e não habitada do país os santos poderiam ter paz.

Em setembro de 1845, os antimórmons começaram a queimar as casas dos membros da Igreja nas pequenas e esparsas comunidades agrícolas que cercavam Nauvoo. As famílias desprotegidas eram forçadas a sair

de seus lares construídos de troncos nas fazendas, enquanto os "vigilantes" punham fogo em suas casas. O populacho destruíra mais do que duzentas casas e edifícios agrícolas, além de diversos moinhos e dúzias de montes de cereais. O delegado Jacob Backenstos, que nos era amistoso, tentou em vão preservar a ordem. O Presidente Young advertiu os santos a que se mudassem das áreas rurais para Nauvoo. Admoestou-os contra a retaliação, esperando que cidadãos solidários vissem a negação flagrante dos direitos de propriedade e obtivessem apoio para os santos.

"Contemplamos, maravilhados e com admiração o vale extenso, rico e fértil", escreveu Wilford Woodruff em seu diário. "O Presidente Young expressou sua grande satisfação quanto à aparência do vale como um local de descanso para os santos, sentindo que sua viagem fora amplamente recompensada."

Durante todo o outono e início do inverno, os ferreiros de Nauvoo trabalharam na construção de carroções para o êxodo planejado para a primavera seguinte. Na conferência geral de 1845, os santos haviam sido instruídos a como se prepararem para o êxodo. Os Doze estudaram mapas e relatórios de explorações ocidentais e procuraram o conselho de viajantes do oeste. Ao aproximar-se a hora da partida, limitaram a escolha de um lugar para a nova cidade de refúgio aos vales férteis das Montanhas Wasatch.

No dia 4 de fevereiro de 1846, o navio Brooklyn partiu de Nova York em uma viagem por mar de cinco meses para a Baía de San Francisco. Estavam a bordo 238 san-

tos dos últimos dias, que vinham do leste dos Estados Unidos. Organizados por Samuel Brannan, eram parte da migração geral que se destinava a território mexicano da "Alta Califórnia", que na época incluía Utah. Naquele mesmo dia, em Nauvoo, os primeiros refugiados daquela cidade atravessaram o gelado Rio Mississippi em barcas, e começaram a jornada de carroção através das planícies onduladas de Iowa. Os santos de Illinois não haviam planejado partir até março ou abril. Ameaças contra os líderes da Igreja e rumores de uma ação imediata do populacho incentivaram uma partida antes do tempo. Em meados de maio, aproximadamente doze mil santos haviam cruzado o rio, alguns deles durante o mês de fevereiro, através das águas cobertas de gelo. Havia-se iniciado o êxodo da Israel moderna.

Apesar do início da migração, continuava o trabalho no Templo de Nauvoo. Joseph Young, presidente sênior do Conselho dos Setenta, ficou para trás, a fim de ajudar na migração e completar o templo para a dedicação final. Os Doze haviam dedicado partes do edifício no final de 1845 e administrado o endowment para cerca de 6.000 membros dignos.

Depois que os trabalhadores ultimaram os acabamentos no edifício, no final de abril, os Élderes Wilford Woodruff, Orson Hyde e Joseph Young realizaram as cerimônias de dedicação. Fizeram, então, planos imediatos para abandonar o prédio. Foram feitas tentativas de vender o templo para outros grupos religiosos, e esses esforços falharam. Em 1848, um incêndio (provavelmente causado por antagonistas) destruiu as partes de madeira, e, dois anos depois, uma tempestade de vento derrubou as paredes calcárias. Os santos já haviam de há muito abandonado sua bela cidade; o último deles havia partido em setembro de 1846, depois que o populacho atacou a cidade, forçando os doentes e pobres a partir.

Os exilados formaram, através de Iowa, em 1846, uma corrente contínua de migrantes. Muitos tinham podido juntar alimentos e provisões para a viagem. Outros procuraram trabalho temporário em St. Louis, Missouri, e na parte setentrional do Estado,

cortando madeira, construindo cercas, ou trabalhando para os fazendeiros a fim de obter os suprimentos necessários. Brigham Young organizava os grupos de migração em companhias de estilo militar, que eram comuns nas viagens para o oeste. Cada unidade compunha-se de aproximadamente cinquenta famílias, às vezes subdivididas em grupos de dez, com um capitão. As presidências de cada companhia supervisionavam a marcha, mantinham a disciplina, dirigiam o trabalho dos que distribuíam os suprimentos, dos guardas, dos boiadeiros e de outros oficiais.

O tempo naquela primavera de 1846 estava úmido e frio e a trilha, lamacenta. Semana após semana, os santos viajaram através do sul do Iowa em direção do Rio Mis-

sissipi, parando periodicamente em acampamentos temporários para descansar e formar novos grupos. Em Garden Grove e Mt. Pisgah, Iowa, estabeleceram grandes fazendas onde podiam cultivar trigo e outros cereais, a fim de ajudar a migração. Durante esta jornada heróica do Iowa, William Clayton escreveu a letra de "Vinde, ó Santos", um hino que era cantado com uma antiga melodia inglesa conhecida por Clayton desde sua juventude na Inglaterra. Clayton havia recebido a notícia de que sua esposa Diantha havia pouco dera à luz um filho. Ambos estavam passando bem e Clayton sentiu o desejo de rejubilar-se: "Vinde, ó santos", escreveu ele, "sem medo ou temor, mas alegres andai... Tudo bem! Tudo bem!"



Nos fins de 1845, quando se tornou evidente que os santos precisariam reestabelecer-se no oeste, Brigham Young incentivou Samuel Brannan a que reunisse os santos na parte oriental dos Estados Unidos da América do Norte, para fazerem uma viagem marítima de cinco meses a São Francisco. No dia 4 de fevereiro de 1846, 70 homens, 68 mulheres e 100 crianças partiram do porto de Nova York a bordo do navio Brooklyn. Aportaram na Baía de São Francisco, em 29 de julho de 1846. (Pintura, quadro a óleo, "The Brooklin", por Arnold Friberg, 1951.)

Em meados de junho, a companhia de Brigham Young chegou ao Rio Mississipi. Ele esperava que aproximadamente quatrocentos homens, em uma companhia de pioneiros escolhidos, pudessem continuar e atravessar as montanhas, a fim de plantar trigo no outono na Grande Bacia, naquele ano. Os Doze procuraram informações sobre rotas para o oeste, suprimentos, direitos dos índios e outros assuntos. Falaram com agentes indígenas que trabalhavam ao longo do Rio Missouri e obtiveram permissão para uma colônia temporária para o restante dos santos em terras dos índios na área de Council Bluffs. Eles começaram a atravessar os carroções através do rio, e grupos arrastavam madeira para uma serraria dos índios, nas cercanias, a fim de obter tábuas. Estradas rudes que iam ribanceira abaixo até os leitos dos rios facilitaram o cruzamento.

A certo ponto no lado oeste do rio, os santos estabeleceram uma colônia temporária denominada Winter Quarters, agora parte de Omaha, Nebraska. Cruzando o rio, para o leste, dezenas de acampamentos temporários surgiram na área geral mais tarde conhecida como Kaneshville e agora como Council Bluffs, Iowa. A tarefa de estabelecer estes acampamentos e o final da estação levaram a liderança a decidir a transferência da expedição pioneira até a primavera.

Com a continuação da travessia dos carroções através do rio com balsas, chegaram mensageiros do leste, trazendo notícias de importância histórica. Desde a expulsão dos santos do Missouri, os representantes da Igreja haviam procurado a ajuda de oficiais federais em Washington. Até agora, a resposta fora de que os problemas mórmons eram um assunto local que não podia preocupar o governo do país que agora estava em guerra com o México. As disputas de fronteira e as alegações em contrário quanto a vastos territórios no oeste haviam levado a uma invasão americana das terras disputadas.

O porta-voz da Igreja em Washington, D.C., James C. Little, tentou obter um contrato do governo para levar suprimentos aos exércitos ou construir estruturas de madeira pesada, a fim de proteger os emigrantes na

Trilha de Oregon, dos índios atacantes. Qualquer contrato desse tipo forneceria fundos suficientes para ajudar a migração mórmon. Os oficiais do governo decidiram, em vez disso, solicitar quinhentos mórmons como voluntários, para o exercício no oeste. De acordo com este plano, o Batalhão Mórmon marcharia para Santa Fé, no Novo México, e então seguiria o General Stephen W. Kearny em sua expedição através das terras para a Califórnia.

O Presidente Young respondeu positivamente à solicitação e encorajou o alistamento. Alguns dos santos pensaram que o governo estava tentando puni-los, separando-os de suas famílias e deixando-as sem o dinheiro e a ajuda necessária para sua viagem. Mas, finalmente, convenceram-se de que seus serviços ajudariam os santos na migração. O pagamento militar do Batalhão ajudaria suas famílias a irem para o oeste e, depois de um ano de serviço, os soldados seriam liberados na Califórnia, com permissão de conservar suas armas e uniformes militares.

Com o incentivo pessoal de Brigham Young e dos Doze, um número superior a quinhentos voluntários se alistou. No dia 20 de julho, o grupo saiu de Council Bluffs sob a chefia do Tenente-Coronel James Allen, um oficial de carreira não-mórmon, que foi sucedido pelo Tenente-Coronel Philip St. George Cooke em Santa Fé, Novo México. A maioria dos outros oficiais eram santos dos últimos dias escolhidos pelos líderes da Igreja. O Presidente Young prometeu aos soldados que, se fossem fiéis a seus princípios religiosos, não seriam convocados para lutar. Esta promessa foi literalmente cumprida, pois, antes que os homens chegassem a San Diego, na Califórnia, no mês de janeiro seguinte, outras forças militares haviam obtido a rendição da Alta Califórnia. A única "batalha" travada pelo Batalhão foi um encontro emocionante com uma manada de búfalos selvagens que atacou os soldados, enquanto cruzavam a pé o vale arenoso do baixo Rio Grande.

O desejo dos santos de se alistarem no serviço militar demonstrou a lealdade mórmon ao governo constituído. Além disso, a marcha de 3.267 quilômetros foi uma das

mais longas registradas na história, e os mórmons ajudaram a abrir uma trilha usada por comboios de carroções e, posteriormente, por uma estrada de ferro transcontinental.

Nem todos os que saíram para a Califórnia com o Exército dos Estados Unidos completaram a árdua marcha. Vários morreram no caminho, e cerca de 150 homens, doentes e enfraquecidos, deixaram a companhia para passar o inverno em Pueblo, Colorado. Esses homens, e a maioria das esposas que haviam acompanhado o Batalhão para lavar as roupas, mudaram-se para o Forte Laramie, ao norte, no início de 1847 e seguiram a companhia pioneira de Brigham Young ao entrar no Vale do Lago Salgado. Uma companhia de santos do Mississipi, que passara o inverno no Colorado, também fez parte do primeiro grupo a chegar ao novo lar dos mórmons.

Winter Quarters, no Nebraska, junto ao Rio Missouri, era uma pequena cidade de casas de troncos e abrigos cavados nas encostas dos montes. Mais de setecentas dessas moradias temporárias foram terminadas antes do natal de 1846, e cerca de 3.500 pessoas passaram o inverno na comunidade. Durante o inverno, os Doze organizaram o grupo seletivo de 143 homens que formaram a companhia pioneira. Foi permitido a três mulheres que acompanhassem seu marido, e uma delas levou duas crianças. Este grupo de 148 pessoas viajou em 73 carroções e levou sementes e provisões em quantidade suficiente para ajudá-los a suportar o inverno de 1847-48.

O padrão seguido por este e todos os outros grupos emigrantes subsequentes foi estabelecido por Brigham Young em uma revelação em 14 de janeiro de 1847. Este documento, que agora é parte de Doutrina e Convênios (Seção 136), tornou-se uma constituição que governou a jornada para o oeste. Reafirmou o esquema organizacional já testado na marcha através do Iowa e lembrou os santos de sua responsabilidade de cuidar dos pobres, viúvas e órfãos. Na migração da Israel moderna, os santos ajudaram-se mutuamente a chegar à Terra Prometida.

A companhia de vanguarda iniciou sua viagem em abril. Oito membros dos Doze viajavam com ela e outros dois seguiram na chefia dos grupos subsequentes de emigrantes naquele ano. Os pioneiros estavam bem equipados com pequenos barcos, mapas, instrumentos científicos e agrícolas. Para evitar a possibilidade de conflitos com emigrantes pela Trilha do Oregon, no lado sul do Rio Platte, os santos dos últimos dias estabeleceram uma estrada separada pelas planícies ao norte do rio. Por se haverem preparado tão bem, a viagem de 1.600 quilômetros de Winter Quarters até o Vale do Lago Salgado foi relativamente sem contratempos. Não houve problemas sérios com os índios, nenhum acidente de monta, nem disputas internas que não pudessem ser contornadas dentro da companhia organizada. Durante o caminho, os Doze falaram com homens de fronteira e viajantes que iam para o leste, obtendo informações recentes relativas ao seu destino pretendido.

Em julho, quando o grupo se aproximava da parte final da viagem, Brigham Young e alguns outros foram atacados por uma fe-



Caravana de carroções de santos entrando no Vale do Lago Salgado através do Desfiladeiro Echo. Fotografia tirada em 1867, por Charles W. Carter.

bre das montanhas que os deixou temporariamente enfraquecidos. Eles ficaram para trás, a fim de se recuperar, enquanto o grupo principal prosseguia através de uma trilha aberta no verão anterior pelo grupo de Reed-Donner de emigrantes para a Califórnia. Essa trilha através das montanhas até o Vale do Lago Salgado estava coberta de arbustos e exigiu longas horas de trabalho, a fim de que ficasse limpa. O grupo avançado finalmente chegou à entrada do desfiladeiro. No dia 21 de julho, os Élderes Orson Pratt e Erastus Snow, que faziam o reconhecimento do caminho, foram os primeiros a ter uma visão do vale e das extensas águas do Grande Lago Salgado. Outros os seguiram até o vale no dia seguinte. Naquele dia, Orson Pratt dedicou a terra ao Senhor e instruiu seus homens a que começassem a arar e plantar, a fim de conservar as sementes. Depois de plantar, desviaram a água do Riacho Creek, a fim de irrigar o solo seco.

No dia 24 de julho, Brigham Young e o pequeno destacamento de enfermos chegou à saída do desfiladeiro. "Ele olhou maravilhado e com admiração para o vale vasto,

rico e fértil," escreveu Wilford Woodruff em seu diário. "O Presidente Young expressou sua plena satisfação com o aparecimento do vale como um local de descanso para os santos e (sentiu-se) amplamente recompensado pela sua viagem." Em anos posteriores, o Elder Woodruff recordou que, quando os dois olharam para todo o vale, do carroção de Woodruff, o Presidente Young declarou: "Este é o lugar certo, prossegui."

Assim foi o início da tarefa de reunir milhares de santos neste novo local de refúgio. Em dezembro de 1847, mais de dois mil haviam completado a árdua viagem. O Presidente Young e vários outros voltaram para o leste naquele mesmo ano, a fim de trazer suas famílias e ajudar a outros. William Clayton, que havia medido cuidadosamente as distâncias percorridas pelos pioneiros, mediu novamente a trilha com um novo odômetro e, em 1848, publicou seu **Latter-day Saints' Emigrants' Guide** (Guia dos Emigrantes dos Santos dos Últimos Dias). Este livreto alistava as distâncias exatas entre os locais de acampamento e ajudou grandemente os milhares que seguiram as pegadas dos pioneiros de 1847.

A amizade é um dos grandes princípios fundamentais do mormonismo.
Joseph Smith

Um homem não é seu próprio amigo se rejeitar as leis de Deus. Ele é injusto consigo mesmo quando despreza os princípios que o levam à vida eterna.

George Teasdale

Há uma educação que vem por revelação do espírito de Deus ao homem, que é superior a qualquer outra classe de educação e comparada com a qual todos os outros sistemas de educação tornam-se insignificantes.
Matthias F. Cowley

Projeto «Raízes» Colhe Referências

Mais de 5.200 referências foram obtidas pelos membros das estacas Independence Missouri e Kansas City Missouri, que se propuseram a distribuir “pacotes” denominados “Trace Suas Raízes” às pessoas que ligaram para um telefone previamente anunciado, logo depois que a televisão apresentou “Raízes II”.

KANSAS CITY, MISSOURI.

Quando soube que a seqüência da popular série de televisão “Raízes”, seria levada ao ar em fevereiro, William Slamin, diretor de Comunicações da Estaca Kansas City Missouri, teve uma idéia.

Procurou a KMBC-TV, que transmitiria Raízes II em sua área, e entrou em entendimentos com os dirigentes da emissora para que os SUD apresentassem “spots” promocionais antes, durante e depois do programa, convidando os telespectadores a chamar certo número de telefone para obter um “pacote” denominado “Trace Suas Raízes”.

Como milhares de pessoas telefonaram, missionários e voluntários das duas estacas anotaram seus nomes, endereços e telefones em três vias.

Os nomes foram então dados aos missionários de tempo integral que distribuíram os “pacotes” em casa de cada pessoa. Os “pacotes” continham o folheto “Conheça o Departamento Genealógico” e dois exemplares do folheto “Como Começarei?” o qual traz um gráfico de linhagem no verso, uma cópia de uma mensagem da Igreja publicada na “Seleções” e uma atraente publicação dos 12 passos básicos da genealogia.

Durante a primeira visita, os missionários explicavam minuciosamente os materiais distribuídos e falavam sobre as sucursais da biblioteca genealógica mais próximas e dos cursos de genealogia oferecidos nas capelas vizinhas. Se as pessoas desejassem mais informações, os missionários visitavam novamente e falavam a respeito da Igreja.

“Até agora, mais de 75% das pessoas visitadas aceitaram uma segunda visita”, diz o presidente Edward A. Johnson, da Missão Independence Missouri.

(Traduzido do “Church News”, de 5-5-79)

Com apenas cinco palavras podemos definir a prosperidade, o sucesso e a felicidade — cinco palavras apenas — e elas são: “Gaste menos do que ganha.”

Charles W. Nibley

Um dos piores desperdícios no mundo é a perda de tempo, de oportunidade, de esforço criativo.

Richard L. Evans

Nenhuma nação pode preservar completamente suas instituições e inteiramente afastar-se de Deus.

Melvin J. Ballard

A omissão dos pais em ensinar seus filhos afeta não só a família, mas todas as civilizações.

Marion G. Romney



"Este é o lugar", monumento dedicado no centenário da entrada dos pioneiros ao vale, através do Emigration Canyon, no dia 24 de julho de 1847.

